

Ilha de Marajó

O desafio das águas

A pata do animal mergulha fundo na tabatinga, uma argila mole e untosa. Os 450 quilos de seu corpanzil pegam pesado no barro. O búfalo reclama e retira as patas do fundo. Incansável, o fabuloso animal dá mais um passo na lida de Marajó. A maior ilha fluvial do planeta, sítio arqueológico, porção principal do arquipélago na foz do rio Amazonas e vizinha de Belém, é um mundo de dois tempos: inverno e verão, chuva e seca, fartura e fome. Sob a linha do Equador, o homem desafia as águas para viver. O cotidiano é duro, árduo, quase uma prova de resistência.

Porém, em Marajó, a natureza também pode ser pródiga e exuberante. Sobre os igarapés e rios — povoados por muitas espécies de peixes, camarões e caranguejos —, garças, tucanos, araras e os coloridos guarás fazem a festa nos fins de tarde. A mata, que permeia quase toda a ilha, guarda frutos saborosos e nutritivos, como o açaí, o bacuri, o murici e o cupuaçu.

Com 50 mil quilômetros quadrados de área, a Ilha de Marajó é um colosso maior que Bélgica, Suíça ou Holanda. Um mundo de terra ocupado por apenas 160 mil habitantes e pouco mais de seis mil fazendas de quatro mil hectares, em média. Existem apenas doze centros urbanos, todos muito pequenos e cheios de problemas.

No inverno, a terra é mais exuberante. E isolada

O inverno marajoara começa em janeiro e só termina em junho ou julho, meses de transição em Marajó. Nesta época chove muito e o céu nem precisa ficar cinza para a água cair: a pancada é rápida e nem chega a causar desconforto. Duro é quando a trovoadas despenca grossa e demorada, o que pode significar às vezes oito horas seguidas de aguaceiro. Rapidamente o que era terra firme se transforma em alagado. O viajante só pode contar com o barco, o búfalo, o cavalo e a sorte para chegar ao seu destino, já que o avião não tem pouso garantido nas pistas encharcadas. O isolamento no inverno é enorme.

Em compensação, a natureza fica exuberante e o visitante pode admirar a mata nativa, que é um zoológico sem grades. Mas Marajó esconde surpresas e perigos, como gigantescas sucuris capazes de engolir um boi ou destroçar uma pessoa. Os jacarés, bastante numerosos na ilha, às vezes atacam vaqueiros que exageram na bebida e passam meio desacordados pelos pântanos.

Nos meses de verão, quando seu alimento natural costuma rarear, as piranhas passam a atacar qualquer coisa de sangue quente. Nas partes mais barrentas da ilha costuma ocorrer areia movediça. Ela não chega a engolir pessoas, mas quem pisa em falso precisa recorrer à tração de um animal ou trator para sair do buraco.

Búfalos: o segundo maior rebanho do mundo

O búfalo é o símbolo da ilha, apesar de só ter chegado por lá no finalzinho do século passado, trazido das Antilhas Francesas. O animal, originário da Índia, sentiu-se em casa no relevo plano e freqüentemente alagado da ilha, que rapidamente foi ocupada. Hoje existem 500 mil cabeças, número que vale o título de maior rebanho do Brasil e segundo do mundo. Outro habitante marajoara é o cavalo pururuca, de porte pequeno e charmoso. Sem registro definido, sua raça é o resultado do cruzamento de pôneis franceses, importados para a ilha no passado, com éguas marajoaras puro-sangue. A raça nasceu por absoluto acaso e ainda se mantém.

Na dura lida cotidiana,
respeito e admiração

A história do arquipélago é marcada por achados e acasos, como o cavalo pururuca, os búfalos ou ainda a incrível cerâmica marajoara, que brota nos quintais e é a principal prova de que ali existiu uma civilização artisticamente avançada. Todos esses aspectos são abordados no Museu do Marajó, que tenta preservar a história marajoara.

A ilha não é propriamente um paraíso social, sem processos trabalhistas ou pendengas entre patrões e empregados. É comum, no entanto, o fazendeiro trabalhar lado a lado com seu vaqueiro, em uma relação de respeito mútuo e admiração. Isso tudo faz de Marajó um lugar único, mas não livre de problemas. Ao contrário. Por suas características exclusivas, ele vive o dilema de ficar preso ao seu estranho tempo de águas e secas ou se perder nas armadilhas do progresso. A chegada do motor trouxe facilidades de transporte, luz, geladeira e televisão. E também poluição, desequilíbrio, pesca predatória e o extrativismo fora de controle.

"O processo de transformação iniciou-se: não morreu o velho Marajó e o novo ainda está em gestação, mas já começaram as dores do parto", previu, em 1981, o padre Giovanni Gallo em seu livro Marajó, Ditadura das Águas. São dores inevitáveis em uma terra grande como a Holanda e alagada como Veneza.